

“Admirável” mundo colonial: as relações entre dominadores e dominados

GUILHERME RAMON GARCIA MARQUES*

Resumo

Tal artigo objetiva, através de uma análise das obras de Edward Said (*Orientalismo*) e Eric Hobsbawm (*A Era dos Impérios*), apontar a complexa relação entre dominadores e dominados dentro do campo das ideias, apresentando conceitos e fatos históricos apontados pelos autores como um paralelo a mecanismos descritos na obra de ficção de Aldous Huxley, *Admirável Mundo Novo*, permitindo, assim, uma apreensão do fenômeno de colonização do período entre o fim do século XIX e início do século XX.

Palavras-chave: Colonização, Imperialismo, Culturas, Evoluídos, Bárbaros.

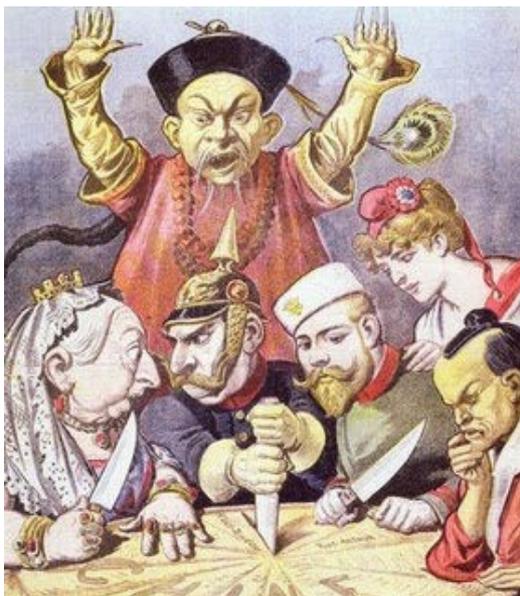


* **GUILHERME RAMON GARCIA MARQUES** é Graduado em Ciências Sociais, com ênfase em Relações internacionais, pela Fundação Getúlio Vargas. Atua como pesquisador em temas referentes a política internacional.

1. Introdução

Este trabalho tem como objetivo apontar a complexa relação entre dominadores e dominados, dentro do campo cultural e das ideias, utilizando-se, para isso, de fatos históricos tratados na obra *Era dos Impérios*, de Eric Hobsbawm, e da análise acerca do *Orientalismo*, de Edward Said. Através da análise destes dois autores, pretende-se fazer um paralelo à descrição dos selvagens da obra literária *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, demonstrando, assim, como a literatura é capaz de apresentar conceitos teóricos fundamentais das ciências sociais e refletir a respeito de eventos sociais e políticos de grande influência global.

Tal como realizado nas obras de Said e Hobsbawm, a obra de Huxley possibilita pensar o lugar do colono dentro de uma estrutura de conflito, inserindo-o numa cultura tida como bárbara e selvagem em oposição a uma cultura civilizada e moderna, o que se torna evidente diante da descrição feita por dois dos principais personagens da estória ao chegarem ao território dos “incivilizados”, momento este que pode perfeitamente expressar o quão chocante e perplexo foi a reação dos exploradores ocidentais que adentraram a cultura oriental sem maior conhecimento prévio do viriam encontrar. O choque cultural entre as duas civilizações, baseadas sob ideias e normas tão distintas, acabou por originar a estrutura que se caracterizou por sobressair uma perante a outra, dando origem a uma das características mais



marcantes do fenômeno do Colonialismo.

Dessa forma, ao analisar as questões tratadas por Said e Hobsbawm a respeito do colonialismo cultural, percebe-se como a estória de *Admirável Mundo Novo* trata de explorar, na relação entre os “civilizados” e os “selvagens”, pontos referentes às

distinções levantadas entre colonizadores e colonizados, tais como as repercussões que advêm desta distinção e das particularidades provenientes da existência da superioridade de uma cultura perante a outra, assim como a legitimidade que nasce desta superioridade para “administrar” a subjugada. Também não é deixada de lado a questão da “barreira” ideológica (que na estória de Huxley é uma barreira materialmente real, até mesmo fatal) que atua no mundo colonial assumindo a função de delimitar o território que é permeado pela barbárie, separando-o das zonas tidas como desenvolvidas e ricas da civilização.

Assim, procura-se, através de uma analogia entre as obras citadas acima, alcançar um entendimento a respeito do modo como os nativos de colônias das potências europeias do final do século XIX e início do século XX eram vistos, tratados e excluídos diante de uma cultura tida como avançada, civilizada e superior.

2. As análises de Hobsbawm e Said

O turbulento período que caracteriza o início do século XX com eventos como a ascensão de grandes nações comerciais, o Imperialismo, o advento e fortalecimento de novas ideologias (Comunismo e Fascismo), as duas Grandes Guerras e os avanços na tecnologia, sobretudo a nuclear, contribuíram demasiadamente para a elaboração de *Admirável Mundo Novo*, obra em que o autor, Aldous Huxley, acaba por depositar suas suposições, de uma maneira bastante profética, para o futuro da humanidade. A sucessão e a grandiosidade de tais acontecimentos incentivavam a reflexão acerca das surpresas que o futuro guardava para a humanidade. O crescente desenvolvimento industrial europeu, por exemplo, fez nascer um imperialismo diferenciado dos que haviam vigorado em tempos anteriores, e o interesse pelas ricas matérias primas e pelo potencial mercado consumidor que representava os países africanos e asiáticos era latente entre as grandes potências industriais. O resultado desse interesse fica evidenciado nas palavras de Hobsbawm:

Entre 1880 e 1914, a maior parte do mundo, à exceção da Europa e das Américas, foi formalmente dividida em territórios sob governo direto ou sob dominação política indireta de um outro Estado de um pequeno grupo: principalmente Grã-Bretanha, França, Alemanha, Itália, Holanda, Bélgica, EUA e Japão. (HOBSBAWM, 1998: 88).

Tal partilha ocasionou no fato de um quarto da superfície continental do planeta se encontrar distribuída ou redistribuída, como colônia, entre meia dúzia de Estados, tornando-se “a expressão mais espetacular e crescente da divisão do planeta em fortes e fracos, em ‘avançados’ e ‘atrasados’ que já observamos” (HOBSBAWM, 1998: 91).

O autor de *A Era dos Impérios* pontua bem essa situação ao indagar que entre o período 1875-1914 era recorrente a idéia de que era muito provável que, diante de uma economia cujo ritmo era determinado por seu núcleo capitalista desenvolvido ou em desenvolvimento, se criariam as condições ideais para que o mundo se estruturasse de modo que os ‘avançados’ exerceriam pleno domínio sob os ‘atrasados’ (HOBSBAWM, 1998: 87).

A obra *Orientalismo – O Oriente como invenção do Ocidente*, considerado um dos textos fundadores dos estudos pós-coloniais e escrito pelo proeminente intelectual palestino Edward Said, tem como objetivo entender este fenômeno que corresponde à dominação ocidental sobre a oriental, ou, como apontado por Hobsbawm, dos ‘avançados’ sobre os ‘atrasados’. Deixando muitas vezes os aspectos econômicos de lado para se focar na questão do colonialismo cultural e explicar o fenômeno principalmente pelo campo das ideias, Said mostra como a visão do Oriente, construída pelo Ocidente, acabava por defini-lo e explicá-lo, fornecendo “legitimidade” à administração ocidental como um bem a humanidade, uma vez que a qualidade incontestável dos administradores europeus, qualidade esta intrínseca à superioridade dos europeus e à sua capacidade de promover uma liderança eficaz na missão de livrar os “bárbaros” da “barbárie”, possibilitaria trazer a civilização e a modernidade ao Oriente.

A definição de Orientalismo, crucial para entender a proposta da obra de Said e o fenômeno que ele procura explicar, liga-se muito intimamente à esfera acadêmica, de modo que quem ensina, escreve ou pesquisa sobre o Oriente, seja na esfera da antropologia, sociologia, história ou filologia, é considerado um

orientalista. Pode, assim, ser encarado como uma instituição “autorizada” a lidar com o Oriente, encontrando legitimidade para corroborar afirmações a respeito, descrevê-lo, ensiná-lo, colonizá-lo, governá-lo. Nas palavras de Said o Orientalismo é descrito, em suma, como um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente, evidenciando a superioridade ocidental frente ao atraso característico do Oriente.

Atualmente, o termo Orientalismo é suplantado pelo de “estudos orientais”, uma vez que, como aponta Said, o termo, além de demasiadamente vago e geral, deixa implícito uma determinada atitude arrogante do colonialismo europeu do século XIX e do início do século XX. Assim sendo, o Orientalismo se estrutura como um pensamento baseado numa distinção ontológica e epistemológica feita entre o Oriente e o Ocidente, distinção esta que poetas, romancistas, filósofos, teóricos políticos, economistas e administradores imperiais tem aceitado como “ponto de partida para teorias elaboradas, epopéias, romances, descrições sociais e relatos políticos a respeito do Oriente, seus povos, costumes, ‘mentalidade’, destino e assim por diante” (SAID, 2007: 29).

Tendo a visão do Oriente promovida pelo conhecimento e imaginário oriundos do Orientalismo e de seus perpetuadores, os ocidentais enxergavam o oriente como culturalmente e tecnologicamente atrasado, habitado por nativos preguiçosos e bárbaros, descaracterizados da visão de civilização e progresso que tão bem caracterizavam o ocidente.

A idéia de superioridade em relação a um mundo de peles escuras situado em lugares remotos e sua dominação era autenticamente popular, beneficiando, assim, a

política do imperialismo. Em suas grandes exposições internacionais, a civilização burguesa sempre se orgulhara do triunfo triplo da ciência, da tecnologia e das manufaturas. (HOBSBAWM, 1998: 106).

Tal contraste entre as duas culturas torna-se essencialmente fundamental para a cultura européia ganhar força e identidade.

O Oriente ajudou a definir a Europa (ou o Ocidente) com sua imagem, idéia, personalidade, experiência contrastantes. [...] O Oriente é uma parte integrante da civilização e da cultura *material* européia. (SAID, 2007: 28).

3. A obra de Huxley

A visão do Orientalismo, ao delimitar a maneira que o Oriente pode ser apreendido, ligando sua compreensão a uma realidade de submissão ao mesmo tempo em que fornece valor à cultura civilizada, cumpre as mesmas especificidades da cerca de mais de cinco mil quilômetros de tela a sessenta mil volts que cerca a Reserva dos Selvagens¹, subjugando-os a um território em que se predomina a barbárie e servindo como parâmetro para a cultura do “outro lado” evidenciar sua superioridade. Dessa forma, o oriente caracterizado como bárbaro exerce papel crucial no modo como o ocidente vê a si próprio, uma visão de superioridade civilizada contrastante com relação à imagem oriental, visão esta bastante subjetiva, visto que a barbárie característica do oriente era assim vista principalmente pela cultura oriental não

¹ Reserva de Selvagens é um lugar que, devido a condições climáticas ou geológicas desfavoráveis, ou à pobreza de recursos naturais, não compensa as despesas necessárias para civilizá-lo (HUXLEY, p. 252, 2009).

compartilhar valores, crenças e ações similares ao do ocidente.

Uma passagem da obra de Huxley evidencia isso de maneira muito clara ao descrever a reação de uma das personagens diante das “peculiares” manifestações culturais presentes no que é denominado Reserva de Selvagens: “Estranho – sim. O lugar era estranho, a música também o era; o vestuário, os bócios, as moléstias da pele, os velhos, tudo era estranho” (HUXLEY, 2009:180). O mesmo detalhe também se evidencia em um dos diálogos de *Admirável Mundo Novo*, quando os dois principais personagens acabam de adentrar na Reserva de Selvagens: o progresso, marca da cultura civilizada, é expresso justamente por ser composto de uma série de hábitos e luxos dos quais os “incivilizados” estão desprovidos. O choque que os personagens têm diante dos ritos, hábitos e demais manifestações culturais que se afastam do que é considerado “normal” aos olhos civilizados se complementa ao senso de superioridade da cultura civilizada, evidente de maneira bastante clara nos discursos dos personagens.

- (...) E também não haverá perfumes, nem televisão, nem mesmo água quente. Se você acha que não pode suportar isso, fique aqui até a minha volta.

Lenina se ofendeu.

- Claro que posso suportar. Se eu disse que aqui era maravilhoso foi porque simplesmente... ora, porque o progresso é uma coisa maravilhosa, não é? (HUXLEY, 2009: 163)

Entre os “peculiares” hábitos descritos durante a estadia desses personagens na Reserva de Selvagens, um dos que mais se destaca é a tradição religiosa dos Selvagens. Tal como descrito por Huxley, os ritos religiosos dos Selvagens

é tido como “um misto de culto da fertilidade e de ferocidade de *Penitentes*” (HUXLEY, 2009:12). É interessante notar como Huxley procura mostrar a estrutura dos ritos dos Selvagens como tendo características demasiadamente familiares com hábitos da sociedade “civilizada”, que promovem eventos comunitários que vangloriam o *santo nome* de Ford ao mesmo tempo em que se exercitam a solidariedade e a estabilidade social. Os ritos dos Selvagens, embora realizados sob uma mecânica mais “exótica”, envolvendo o uso de simbologias e penitências que acabam por criar o principal contraste com as formas ritualísticas do mundo “civilizado”, acabam por desempenhar uma mesma lógica: ritos comunitários que vangloriam suas deidades e criam, ao mesmo tempo, uma coesão social. Diante de uma cultura que se baseia em normas demasiadamente conflitantes com as que estão acostumados, os ritos acabam por promover, aos olhos dos protagonistas oriundos do *Admirável Mundo Novo*, uma conexão entre o mundo deles e o mundo expresso pela Reserva. O estranhamento só surge de fato nos protagonistas quando os detalhes exóticos, como a utilização de cobras negras, as pinturas nos corpos e os símbolos de adoração surgem diante de seus campos de visão.

Said afirma que o Orientalismo nunca esteve muito longe da “idéia de Europa”, ou seja, “uma noção coletiva que identifica a ‘nós’ europeus contra todos ‘aqueles não-europeus’” (SAID, 2007:34). Pode-se argumentar que o principal componente da cultura européia é precisamente o que tornou hegemônica essa cultura, dentro e fora da Europa: a idéia de uma identidade européia superior a todos os povos e culturas não europeus. Esta sensação de superioridade é partilhada pelos brancos

ocidentais, abrangendo, como mostra Hobsbawm, todas as classes sociais, uma vez que até o “mais modesto funcionário era um amo e era aceito como *gentlemen* por pessoas que nem teriam notado sua existência em Paris ou Londres” (HOBSBAWM, 1998: 107). Possuir uma colônia, para uma grande nação européia, era não apenas uma vantagem do ponto de vista econômico, mas principalmente um sinal de *status* que atinge a todas as classes, da mais alta e rica a mais baixa e pobre. Assim também é em *Admirável Mundo Novo*: as diversas “castas”, mesmo as mais baixas presentes na sociedade utópica, se baseiam na incivilidade dos Selvagens para afirmar seus sentidos de superioridade cultural e intelectual, deixando evidente que a visão que uma determinada cultura faz de outra acaba não apenas por definir a outra cultura, mas principalmente a si própria. É dessa forma que a sociedade expressa em *Admirável Mundo Novo* se põe como vanguarda cultural, intelectual e tecnológica, enquanto os “bárbaros” acabam por serem jogados em uma posição de subjugados e “domesticação”:

Tudo o que eles fazem é engraçado. [...] E lembrem-se – acrescentou em tom tranquilizador para Lenina -, eles são absolutamente inofensivos; os selvagens não lhes farão mal algum. Eles têm bastante experiência com as bombas de gás para saberem que não devem fazer brincadeiras de mau gosto. (HUXLEY, 2009: 170)

Dentre os mecanismos utilizados de modo a fortalecer a distinção entre a superioridade ocidental e a inferioridade oriental, o mais marcante talvez seja a substituição dos administradores britânicos da Índia e de outras regiões quando tivessem completado 55 anos, não sendo permitindo a um oriental ver

um ocidental envelhecer e degenerar, assim como “nenhum ocidental jamais precisou se ver, espelhado nos olhos da raça subjugada, senão como um jovem Raj vigoroso, racional e sempre alerta.” (SAID, 2007: 76). Huxley, em sua obra, utiliza-se de um mecanismo idêntico para denotar a superioridade da civilização frente aos selvagens, sendo a velhice e a doença, em suma, a degeneração física, traços de uma cultura que não existem mais onde reina a civilização, mas que existem em abundância na sociedade delimitada pela Reserva de Selvagens. Essa questão é enfatizada em uma das passagens de *Admirável Mundo Novo*, quando uma das personagens do livro, ao ter seu primeiro contato com os “Selvagens” e sua cultura estruturada em costumes exóticos e tradições antigas, escandaliza-se ao se deparar com um indivíduo de idade avançada e físico deveras degenerado descendo uma escada com grande esforço e dificuldade.

- O que é que ele tem? - Sussurrou Lenina. Estava com os olhos arregalados de horror e espanto.

- Ele é velho, simplesmente – respondeu Bernard, com toda a indiferença que lhe foi possível aparentar. Estava também sobressaltado, mas fez um esforço para se mostrar imperturbável.

- Velho? - repetiu ela – Mas o diretor é velho, e há uma porção de gente velha, e no entanto não são assim.

- É porque não deixamos que fiquem assim. (HUXLEY, 2009: 177)

Assim, tanto Said quanto Huxley demonstram de maneira bastante clara o quanto a imagem física, envolta sob uma aura de vigor jovial, torna-se um símbolo importante ao conceder legitimidade ao aspecto da superioridade

de determinada cultura quando comparada a outra em que a degeneração física se evidencia de tal maneira que o simples ato de andar é comprometido e doenças, das mais diversas formas, se manifestam entre os indivíduos. Esta simbologia prática possível de ser contrastada com um simples olhar, quando somada aos símbolos psicológicos, acaba por acentuar o sentimento de superioridade de uma cultura perante outra, maximizando e contribuindo para a dominação cultural, um dos pilares que, juntamente ao domínio econômico e militar, mantêm um império.

4. Conclusão

Ainda que uma ficção, *Admirável Mundo Novo* surpreende ao acertar tendências para o futuro. Publicado em 1932, o livro profetiza o desenvolvimento científico e as implicações disto para os estudos acerca da engenharia genética e de técnicas do condicionamento do indivíduo, mecanismo de controle social que objetiva manter a estabilidade no Mundo Novo. Fatalmente, Huxley não se mostra esperançoso o suficiente para conseguir prever uma ordem global descaracterizada da noção de desigualdade racial ou de casta. Dentro ou fora do Mundo Novo, a questão da superioridade de uns em detrimento de outros é palpável, ainda que dentro da sociedade representada pelo Mundo Novo tal distinção seja atenuada por todo o condicionamento que passa os homens e mulheres enquanto ainda são crianças, representando um dos pilares da estabilidade do sistema: uma minoria em castas mais elevadas e uma maioria nas inferiores, executando trabalhos de grande simplicidade e nenhum esforço

mental mas cruciais para a sociedade, condicionadas desde que nascem a acharem isso um tipo de vida ideal. Huxley utiliza-se da metáfora do iceberg, na qual 8/9 se encontra abaixo d'água para que sua menor parcela esteja acima.

Diante do mundo representado pela Reserva de Selvagens, contudo, até a mais baixa "casta" sente reafirmada sua superioridade e civilidade, o que torna o paralelo entre a obra de Huxley e o fenômeno da dominação colonial, principalmente quando analisada pelo aspecto cultural, bastante revelador quando se entende o colonialismo como promotor de um senso de superioridade por parte da nação colonizadora que atinge a todas as classes sociais.

Assim, procurando mostrar como se dava a complexa relação entre dominadores e dominados, pretendeu-se com esse trabalho levantar uma análise acerca de um evento histórico de enormes repercussões, fazendo uma analogia com um clássico da literatura e com a teoria de dois autores de grande proeminência no meio acadêmico. Esta analogia possibilita apreender um entendimento abrangente do que foi tal processo de dominação, legitimado sim pelos interesses econômicos e políticos, mas também principalmente pelas ideias e aspectos culturais.

Referências

- HOBBSBAWM, Eric. **A era dos impérios: 1875-1914**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2009.
- SAID, Edward W. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**, São Paulo: Companhia das Letras, 2007.